

jornal de letras, artes e ideias

Ano II n.º 37

De 20 de Julho a 2 de Agosto de 1982

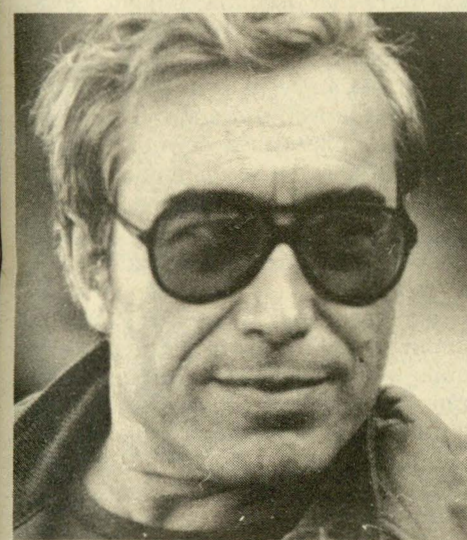
Preço 25\$00

Quinzenalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos

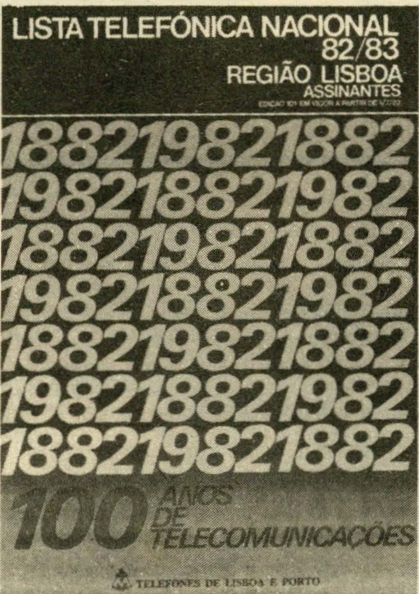


Natália Correia fala de literatura e política



José Cardoso Pires
escreve
sobre
o «Mundial»
de Futebol

A lista
telefónica
«lida» por
Miguel
Esteves
Cardoso



«Cartas
de amor»

— a crónica
de Agustina
Bessa Luís

Críticas
aos últimos
livros
de Lídia
Jorge
e António
Lobo
Antunes

O centenário
de Virginia
Woolf

“Jogar em casa”

José Cardoso Pires

O écran do Mundial apagou-se, agora voltamos aos matraquilhos. Mas há imagens que perduram. Rossi. O subtil e rigoroso Rossi no seu discorrer com a bola por terrenos imaginativos. E Rummenigge, outro rigor. (Peregrinos de todos os estádios: aquela aparição de Rummenigge na batalha com a Gália foi a Parábola do Grande Senhor na ressurreição dos desesperados). E com ele ficou-nos também Bruno Conti. E Lato. E o Brasila todo, apesar de Valdir Perez. As Honduras

Assisti às transmissões em casa na companhia de amigos, num bar de gente de futebol e num café de pescadores da Caparica. O Brasil sim, o Brasil é que era o grande saudado estivesse ou não estivesse no «écran». E de quando em quando lá vinha o Eusébio, de quando em quando o memorável jogo que fizemos com a Coreia, e a vitória do Sporting contra os ingleses, e os resultados obtidos nos treinos da selecção brasileira. Coisas assim.

Bem sei, o Brasil foi o grande favorito internacional. Mas no «caso português» essa aposta era sobretudo uma transferência (um **transfert**, na acepção psicanalítica). Como comportamento colectivo representava um movimento de compen-

timentos municipais, tudo isso joga por fora, como se sabe. E não há que escondê-lo. Não é por aí que vem mal ao futebol.

O mal vem, e nem sempre, da manipulação política que os governos de má consciência pretendem fazer dele. Em cada mundial desportivo há sempre um diabo a espreitar a taça. Prepara-se para a usar como um prestígio da mentira: o desporto como falsificação ideológica. Vimos isso aqui em casa, nos tempos do outro Professor, quando foi inaugurado o Estádio Nacional e o Professor de então mandou distribuir papelinhos a dizer que no Portugal dele é que era bom e na Rússia não havia futebol. Aconteceu isso nos



Bruno Conti entre Kaltz e Briegel: a imagem do italiano é uma das que perduram para lá da festa

apesar do árbitro. A França, tão modesta e tão comovente de coragem. A torcida brasileira, fuminhos de cadomblé. A lenda dos feiticeiros do Peru. Tudo isto, tudo isto.

Foi um acontecimento feliz. Uma festa para milhões. Em primeiro lugar porque sobre a coesão do futebol tecnocrático acabou por triunfar um conjunto bem servido de unidades com fulgor individual; depois porque o número e a variedade de transmissões levou muito boa gente a desinibir-se de preconceitos e a entusiasmar-se com o espectáculo apaixonante do relvado e do movimento à volta dele; depois ainda porque apareceram a Argélia, os Camarões e o Kwait, o que veio sobressaltar o panorama e criar geografia na mente dos cavalheiros ilustrados. Finalmente, e mais importante talvez, a longa e quase quotidiana presença do Mundial em milhões de lares espalhados pelo universo contribuiu sem dúvida alguma para um relacionamento mais equilibrado e mais natural das massas com futebol. Situou-o como elemento da vida corrente, o que quer dizer que desfanatizou o impulso de apetência suscitado pelos fenómenos raros e proibitivos.

Eusébio e o paternalismo histórico. Houve um condicionamento de «resignados habituais» na maneira como vimos aqui o futebol dos outros.

sação assente em duas componentes, História e Paternalismo. O costume.

(Nem de propósito: eu a ouvir destas lusitanidades subjacentes e no televisor um dos enviados especiais a despejar preciosismos de fino recorte literário «a seu talento» e dos heróis de São Miguel de Seide).

Ouvir a bola dos outros. Correctíssima uma parte dos relatos em transmissão directa: ajustamento à imagem, anotação concisa, nada de gongorismos de amanuense. Por outro lado os comentários de estúdio, às reportagens em diferido decorreram num estilo informal que, melhor que nenhum outro, se identificou com o espectador.

Assim, já que não tivemos bola aprendemos ao menos a ouvir a bola dos outros. E a lê-la, o que também valeu a pena. Por mim segui-a por um ou dois cronistas dos diários e invariavelmente por **A Bola**.

A laranja mecânica. Ficou bem à vista que neste campeonato a bola era de cabeçal por fora e laranja valenciana por dentro em promoção multinacional. Esta definição emblemática, assim logo no rosto e sem ambiguidades, é a meu ver saudável porque situa o planeta do futebol nos interesses que gravitam à volta dele. Serviços, divisas, industriais, inves-

Jogos Olímpicos de Berlim quando Hitler se serviu dos atletas para dizer que era chefe duma raça superior. Aconteceu quando o general Videla subiu à tribuna do Mundial 78 para falar de paz em nome duma Argentina sem Direitos Humanos.

É este o jogo do diabo: usar a verdade da vitória desportiva como um prestígio e uma absolvição da mentira política.

A segunda guerra das Malvinas. Até neste capítulo o Mundial 82 foi uma festa feliz.

É que dificilmente se pode esquecer a imagem de duas faces dos estádios chilenos ou argentinos: campos de futebol por um lado, campos de concentração por outro. Foi deles que partiram para a morte e para as prisões milhares e milhares de cidadãos. E os carrascos continuam no Poder, os sangrentos generais da Casa Rosada. São os mesmos que encabeçaram a chacina, lado a lado com Videla.

Mas desta vez o diabo não tirou dividendos. Com o sacrifício embora do onze de Menotti a grande vitória de todos nós foi a derrota dos generais que se preparavam para ganhar em Espanha a guerra que perderam nas Malvinas.

Repito, uma festa de alegria e de verdade este Mundial de 82. Depois do bom futebol, resta uma consciência a partilhar sobre os estádios. ■